

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 10 – 2012
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

MARXISMO E TRABALHO: HISTÓRIA E CONSTITUIÇÃO CENTRAL DA CATEGORIA

Jetson Lourenço Lopes da Silva¹

Resumo

O presente artigo apresenta como proposição revelar quais os caminhos trilhados por Karl Marx até estabelecer sua teoria, quais os campos de conhecimento que atravessa e como superou criticamente as influências dos pensadores que lhes auxiliou conceber o Materialismo Histórico Dialético, método de apreensão da realidade. Além disso, nele estão presentes discussões que colocam a categoria trabalho como central para o desenvolvimento da teoria marxista, uma vez que atravessa o ser social, teoria do valor e luta de classe, chaves integrantes dessa corrente do pensamento social moderno.

Palavras-chave: economia política; luta de classe; teoria do valor; trabalho.

MARXISM AND WORK: HISTORY AND CENTRAL CONSTITUTION OF THE CATEGORY

Abstract

This paper presents as proposition which reveal the paths by Karl Marx to establish his theory, which fields of knowledge that goes through and how he overcame the influences of critical thinkers who helped them design the dialectical historical materialism, a method of apprehending reality. In addition, there are ongoing discussions that put class work as central to the development of Marxist theory, since it is through the social theory of value and class struggle, key members of this current of modern social thought.

Keywords: class struggle; labor; political economy.

¹ Mestrando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande.
jetsonlopes@gmail.com

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 10 – 2012
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

1 INTRODUÇÃO

Até alcançar a constituição do arcabouço teórico que alimenta a teoria marxista, o formulador daquilo que veio a se constituir na pedra angular de vazão a supressão do capitalismo, fundamentalmente pela luta de classe, enveredou sobre a Filosofia, História e Economia, para poder encontrar os arranjos com que desenhou seu método.

Esse artigo se propõe, de maneira ligeira, a apresentar os passos percorridos por Marx até formular o Materialismo Histórico Dialético, método que concebeu, bem como dissecar, também de maneira ligeira diante da profundidade das questões e dos limites desse trabalho, algumas das categorias projetadas por Marx e que dão corpo a sua teoria.

No desenvolver do artigo são examinadas algumas categorias desenvolvidas na matriz marxista até se chegar à consideração que o *trabalho* é o epicentro irradiador que alimenta e amarra as demais categorias. Desse modo, o apresentamos aqui, enquanto mecanismo de interação ineliminável entre o homem, natureza e entre si mesmo, assim como produtor da riqueza social e instrumento revelador da exploração que passa o proletariado no capitalismo. O *trabalho* é com isso o elemento que fundamenta as concepções presentes na constituição do ser social, nos problemas desenvolvidos pela Economia Política sob o prisma do marxismo, na teoria do valor e na luta de classe.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Traços gerais da constituição histórica do pensamento marxista

Karl Heinrich Marx, ou simplesmente *Marx*, da tríade que se convencionou considerar como clássicos do pensamento sociológico moderno, indubitavelmente é dos mais

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 10 – 2012
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

polêmicos. Seu legado veio a ser adorado e também dos mais contestado dos teóricos do século XIX, porque logrou influências que penetraram com força considerável às lutas sociais que se sucederam ao seu tempo, notadamente aquelas empreendidas pela classe trabalhadora e que em algum grau de medida, pode considerar-se ainda hoje com relativo peso influente.

Último dos filhos de uma família de origem judaica, nascido em 1818 na cidade de Tréveris (hoje pertencente à Alemanha) -, estudou na Universidade de Berlim, onde debruçou-se sobre a filosofia hegeliana, qual deixou-lhe fortes marcas, obteve aos 23 anos o título de doutor em filosofia com a tese “*Sobre as diferenças da filosofia da natureza de Demócrito e Epicuro*”. Por ter sido *Hegel* influente na sua formação intelectual, integrou aqueles jovens hegelianos considerados de esquerda, com os quais rompeu posteriormente. Foi chefe e redator de jornais de viés político-socialista, pelo seu envolvimento com organizações operárias e por embevecê-las à época foi proibido de radicar em Paris, donde conheceu Friedrich Engels, com quem desenvolveu além da íntima amizade, intensa atividade militante-intelectual.

Juntamente com Engels colaborou com o movimento operário europeu então emergente, a intervenção de ambos à organização operária se fez mostrar através da produção de programas e da colaboração teórica que prestaram. O peso da influência que determinaram sobre esse movimento foi de tal modo que nos anos finais da primeira metade dos anos 1800², foram responsáveis pelo *I Congresso da Liga dos Comunistas*, referendando alteração do nome da uma associação operária de “*Liga dos Justos*” para “*Liga dos Comunistas*”, isso a primeira vista significou meramente a mudança de uma nomenclatura por outra, mas para além disso, começou a

[...] evidenciar um giro considerável no horizonte político-ideológico. Resultante de uma conjunção de variáveis que foram concorrendo gradualmente, [...] este giro foi catalisado principalmente por dois eventos – um prático-político e outro de natureza teórica. (Neto, 1998, p. 22).

² Para ser mais preciso na historiografia de sua vida política, Marx recebeu convites para ingressar na *Liga dos Justos*, inicialmente recusado pela imprecisão teórica e estreita relação com o romantismo idílico do socialismo utópico, que possui essa associação. Entretanto resolveu colaborar com a associação e com o *I Congresso da Liga dos Comunistas* realizado em 1847, marco na mudança de órbita do movimento.

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 10 – 2012
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

A alteração de *Liga dos Justos* para *Liga dos Comunistas* expressou a colaboração teórica interventiva que a dupla prestou a associação, que marcou o limiar de uma organização com traços radicalmente discrepantes daqueles que detinha antes da intervenção realizada por Marx e Engels, visto que antes se pautava por uma iniciativa que amalgamava certo romantismo-utópico e conspiracionismo. A dupla além de tornar-se, a convite, dirigente da associação³, incumbiu-se da elaboração de sua plataforma programática num esboço dos “princípios do comunismo⁴” que, a despeito de algumas polêmicas, parece ter servido de inspiração aquilo que culminou em 1848 na obra “*Manifesto do Partido Comunista*”, um dos clássicos da antologia marxista, que embora a autoria seja designada tanto a um quanto ao outro, a produção literária foi quase toda ela de responsabilidade de Marx⁵.

Além do *Manifesto*, texto considerado teórico-panfletário, elaborou em parceria com o amigo que conheceu na capital francesa, inúmeros artigos, folhetos e obras clássicas que atravessam hoje fundamentalmente a Filosofia, História, Sociologia e Economia, dentre elas destacadamente estão: “*A Sagrada família*” e “*A ideologia alemã*”. Individualmente Marx redigiu “*Manuscritos econômico-filosóficos*” e “*Miséria da Filosofia*” - só para constar entre as inúmeras publicações teóricas que cunhou em particular, duas de grande relevo. No entanto, a linha mestra do pensamento marxiano foi “*O Capital*” que apresenta 04 (quatro) livros, porém em vida Marx publicou apenas o primeiro deles, os demais livros (02 e 03) foram publicados por Engels a partir de escritos deixados pelo amigo, já o livro 04 foi elaborado por Karl Kautsky fundamentado em escritos de Marx ao tecer comentários a autores da Economia Política.

³ Marx e Engels, em comum também colaboraram e dirigiram a “Associação Internacional dos Trabalhadores”, ou “I Internacional”, organização que influenciou consideravelmente na união dos trabalhadores europeus do final do século XIX. Internamente a organização foi marcada por acirradas divergências ideológicas entre os comunistas e anarquistas, divergências ora capitaneadas principalmente entre Marx e Bakunine. A I Internacional veio a dissolver-se em 1876.

⁴ Quando se fala aqui de “princípios do comunismo” não se deve confundir com “*Princípios do comunismo*”, esse de inicial maiúscula faz referência a publicação feita por Engels em forma de perguntas e respostas ao contra-projeto apresentado a direção francesa da *Liga dos Comunistas*. O “princípios do comunismo”, com iniciais minúsculas, que se quer dar ênfase, diz respeito ao referencial teórico e ideopolítico do comunismo.

⁵ É quase incontestável, muito embora não existam estudos profundos no campo literário, que Karl Marx possuía um estilo particular de escrever que lhe caracterizava com relativo traços de ironia e sátira. Sobre isso consultar Neto (1998).

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 10 – 2012
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

A fonte que desaguou sobre a constituição do pensamento marxiano adveio da conjunção de diferentes correntes do pensamento humano, a filosofia clássica alemã, em particular aquela formulada por Hegel, a história política francesa e a economia política inglesa, nessa com referência, sobretudo, a Smith e Ricardo. Dessas serviu de propriedade para estruturar seu pensamento, respectivamente, a dialética, a luta de classe e a teoria do valor. Por essa razão o arcabouço marxiano sustenta-se numa análise dialética materialista e histórica das incursões sociais da humanidade, determinada pela interação entre desenvolvimento das forças produtivas, relações de produção e luta de classe. Com isso a herança político-cultural formada a partir daí se configurou em Marx, primordialmente como crítica ao capitalismo - com vista à possibilidade de subversão revolucionária desse sistema.

Como a literatura marxiana foi vasta e atravessa um conjunto de saberes que reconhecidamente diz respeito ao campo de diversas áreas como Filosofia, História, Sociologia e Economia, costuma-se subdividir o desenvolvimento de seu pensamento tendo por baliza determinados períodos históricos de elaboração teórica. Assim, sua formação deu-se então subdividida em duas linhas históricas⁶, uma primeira fase designada de jovem Marx (ou fase da juventude), período com traços mais filosóficos por tratar de questões mais pertinentes à Filosofia e uma segunda fase intitulada como da maturidade, a qual compreende os escritos de “*O Capital*”, período que percorreu sobre problemas do campo da Economia Política, por isso entende-se ser essa a fase mais economista.

Assim, é possível expor o pensamento de Marx como o de um puro economista e sociólogo, porque no fim de sua vida ele quis ser um puro economista e sociólogo; contudo, Marx chegou à crítica econômico-social tomando como ponto de partida temas filosóficos. (Aron, 2008, p. 236)

Dentre aqueles que costumam segmentar a teoria marxiana em períodos, ao fazer alusão de que os escritos de Marx configuram um salto da “Filosofia para a Economia Política através da Sociologia” (Aron, 2008, p. 228), cria-se a aparência de certo fracionamento no desenvolver de seu pensamento, marcado então por um processo de

⁶ Não se pode ter um marco divisório tão preciso sobre a diversidade de períodos que escreveu Marx e cujo dão margem a estabelecer a ele duas fases, um intelectual jovem e um maduro, mas comumente designa-se para aquele os escritos elaborados entre 1841 e 1848 e para esse os escritos posteriores a fase juvenil.

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 10 – 2012
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

continuidade e descontinuidade, como se Marx tivesse sido até determinado instante filósofo e a partir de outro sociólogo, seguindo subsequente a ser economista. Porém, a aludida passagem da *juventude* a *maturidade* que indica ter atravessado seu pensamento, foi um contínuo processo de acúmulo e desenvolvimento teórico, que conjugou a todo instante elementos da Filosofia, enquanto método, e da ação humana *vide* relações sociais de produção⁷, com vista a transformação da realidade – portanto, elementos concomitantemente sociológicos e econômicos.

Entre os escritos “*A ideologia alemã*” (tida como da *juventude*) e “*O Capital*” (escritos da *maturidade*), são posteriormente aprofundados elementos nesse, que ora foram de maneira introdutória (*a priori*) apresentados naquele, de modo que Marx não foi em certos instantes só filósofo, ou sociólogo, ou economista, sem que fosse os três em mesma medida simultaneamente, numa apreensão crítica/essencial e materialista da realidade, em especial a da ordem social capitalista. Com isso, em seu desenvolver e aprofundamento teórico, o método que fez uso conformou os conceitos não propriamente como produtos da teoria, do pensamento puro, mas da realidade visada e abstraída apenas na forma do pensamento, portanto a realidade concreta é apreendida inicialmente a partir da observação direta e do exame parcelar dessa realidade, a procura dos nexos invisíveis ao observador, que subsequente recompõe a realidade em movimentos de idas e voltas. Dessa forma, Malagodi (1993) indica que se deve apropriar dos nexos internos do movimento da realidade, seus momentos, seus elementos visíveis e sua estrutura articulada, assim as falsas aparências se desnudam e revelam a essência do movimento. O método então é capaz de relacionar o visível com o invisível.

Até chegar nessa fórmula, primeiro Marx navegou sobre a filosofia idealista de Hegel, desse apropriou-se da noção de *dialética*, *virando-lhe de ponta cabeça* e antes de associá-la em seu método ao materialismo filosófico vigente, polemizou problemáticamente com o

⁷ Relações sociais de produção, a grosso modo, são as relações históricas que se erguem entre os homens (*a partir de*) e condicionado por um determinado modo de produção. A título de exemplificação, o modo de produção asiático comportou relações sociais de produção que diferem daquelas desenhadas contemporaneamente pelo modo de produção capitalista, visto que são modos de produção com diferenças não só meramente cronológicas, mas também em avanços técnicos, na relação entre o homem e a natureza e entre os próprios homens e regime de propriedade.

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 10 – 2012
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

materialismo mecanicista de Feuerbach, para quem tanto a realidade, quanto “o mundo sensível só são apreendidos sob a forma de objeto ou intuição, mas não como atividade humana sensível, enquanto práxis; [...] não considera a sensibilidade humana como atividade prática humana e sensível” (Marx, 2007, p. 99-101). Assim, enveredou-se por a deixa do idealismo hegeliano e do materialismo mecanicista de Feuerbach, para em síntese superar a ambos criticamente.

A partir de bases filosóficas que impôs críticas, delineou o pensador alemão uma matriz de captação e leitura da realidade, cujas premissas de que parte,

[...] são bases reais que só podemos abstrair na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de existência, tanto aquelas que eles já encontraram prontas, como aquelas engendradas pela sua própria ação [...]. A primeira condição de toda história da humanidade é, naturalmente, a existência de seres humanos vivos. A primeira situação a constatar é, portanto, a constituição corporal desses indivíduos e as relações que ela gera entre eles e o restante da natureza [...]. Toda a historiografia deve partir dessas bases naturais e de sua transformação pela ação dos homens, no curso da história (Marx; Engels, 2007, p. 10).

Tais premissas em suma originaram o *Materialismo Histórico Dialético* que insidiou sobre as Ciências Sociais (História, Economia, Sociologia, Ciência Política, Antropologia, Pedagogia, etc.) e veio a ressoar também sobre diversas outras áreas da cultura humana, a exemplo do teatro, música, arquitetura e literatura. A influência do *Materialismo Histórico Dialético* foi tanta que, após Marx outros pensadores montando sobre seus ombros buscaram lançar olhares a partir do legado deixado por ele, assim inaugurando o que se denomina de marxismo⁸.

⁸ Há intelectuais do campo das Ciências Sociais que afirmam existir marxismos e não apenas um marxismo, já que existe variação, polêmica e divergência muito grande na interpretação e montagem de visões posterior ao legado teórico deixado por Marx. A razão dessa afirmação se explica por não poder-se assegurar que um ou outro intelectual autodenominado marxista, é mais ou menos marxista, não há e nem poderá existir um *marxímetro* para atestar tal afirmação. O que é possível de se inferir é que de fato há um método consolidado, cunhado com ferramentas teóricas precisas e que seu arcabouço teórico metodológico ao ser apropriado permitiu a abertura de um leque de visões a partir dele. Assim, para diferenciar o pensamento genuíno do filósofo àquelas variações elaboradas por seus seguidores, é também costumeiro designar a obra deixada diretamente por ele, de pensamento ou matriz marxiana. O próprio Marx refutava o termo *marxismo* em temor que sua teoria viesse a ser configurada como uma doutrina e não como ciência.

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 10 – 2012
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

A história do marxismo, daqueles intelectuais ancorados nos pressupostos teóricos de Marx, vinculasse à necessidade transformadora do mundo sob a batuta capitalista, pois “os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras, do que se trata é de transformá-lo” (Marx; Engels, 2007, p. 103). Mesmo a despeito das inúmeras variações, divergências e polêmicas gravitantes em torno dessa matriz teórica, parece que todas elas são esfumadas e aproximam as várias nuances marxistas na centralidade que assume o *trabalho*⁹; epicentro categórico seja nas relações sociais, Economia Política, luta de classe, teoria do valor, etc., já que todas essas chaves teóricas são *aprioristicamente* mediadas pelo *trabalho*, para que possam ser apreendidas na realidade, abstraídas, problematizadas e remontadas na sua forma essencial.

2.2 Trabalho, categoria fundante do ser social

Em suas diversas áreas a Ciência Social apresenta compostos explicativos sobre a instituição da sociedade, de modo afim com a natureza própria de cada campo explicativo que, por conseguinte, diferenciam seus paradigmas entre si, formulações que compreendem um leque variado de explicação. A título ilustrativo, a instituição da sociedade, para o campo do saber econômico, a razão se inscreve nos interesses individuais inscritos na órbita da regulação do mercado; ou por meio do símbolos culturais para a antropologia cultural; diferentemente, as correntes de laivos positivista, concebe que sua determinação radica na força imperativa da “Consciência Coletiva”; já os contratualistas a refere como consequência da concordata entre os indivíduos para paz ou bem estar social.

Não obstante, a concepção marxismo vislumbra a sociedade como decorrente de um longuíssimo processo evolutivo e histórico em que a natureza ao cabo da matéria inorgânica, num salto qualitativo deu origem à vida (ser orgânico), que no desenrolar de saltos em saltos

⁹ Não é objetivo central desse texto problematizar com profundidade sobre a categoria trabalho, na busca de dissecá-la e sim mostrar sua centralidade na mediação a outras chaves da teoria marxista, a exemplo da constituição do ser social e da luta de classe, entretanto, sentimos a necessidade de brevemente esclarecer que trabalho é “um processo entre homem e natureza [...] , em que o homem, por sua própria ação, media e regula seu metabolismo com a natureza. [...] é a atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, [...] para satisfazer a necessidades humanas, condição eterna da vida humana e, portanto, comum a todas as formas sociais” (Marx, 1983, p. 149-153).

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 10 – 2012
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

evolutivos/qualitativos/históricos, originou um ser (a humanidade), cujo movimento da história revelou tratar-se de um ser que não elimina suas características de ser natural, mas a transpõe ao configurar-se então como *ser social*.

Com isso se desnuda a existência de uma relação dupla inerente a humanidade: homem-natureza/homem-ser social. Ora, essa dupla relação também releva uma unidade, não existe homem separadamente da natureza, assim é impensável a existência da sociedade (humanidade) sem permanente interação com a natureza, já que é por meio da transformação dessa que se extraem as condições de manutenção da vida dos indivíduos que compõe a sociedade. Para tanto, o elo dessa relação está na ação transformadora dos homens sobre a natureza, mediada pelo *trabalho*, assim natureza/trabalho/humanidade, são indissociáveis.

Chegado nesse ponto, é possível perceber que o *trabalho* condicionou historicamente a existência da sociedade, pois “a humanidade criou-se a si mesma através do trabalho” (Marx, 1983, p. 65), num processo em que um ser sem, contudo, deixar de participar da natureza, constituiu-se em um ser que transpôs os limites nela existentes ao tronar-se em um *ser social*; mas essa metamorfose só foi possibilitada porque numa interação transformadora com a natureza - leia-se *trabalho* -, na busca de satisfazer suas necessidades vitais de existência, a espécie humana modificou a si própria, humanizou-se e forçou a interação entre os indivíduos mediante a relação eterna, natureza/trabalho/homem.

2.3 Da relação marxista entre Economia Política, teoria do valor, trabalho e luta de classe

Da vastidão de conhecimento elaborado por Marx, que no conjunto agregam questões filosóficas, históricas e econômicas – para frisar algumas delas - e ulteriormente aprofundados por aqueles que se vinculam a sua matriz teórica, a Economia Política é um desses pontos nodais das discussões e problemas colocados em pauta pelos marxistas.

A inserção no âmbito da Economia Política realizada por Marx deu-se a partir de um acúmulo de problemas congregados no século XVII e XVIII, precipuamente por pensadores ingleses, de forma destacada, Adam Smith (1723-1790) e David Ricardo (1772-1823). A

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 10 – 2012
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

Economia Política detinha (e ainda detém) como característica fundante, compreender o conjunto das relações sociais e o funcionamento da sociedade, estruturados a partir da produção da riqueza social e da forma em que se empreende a distribuição dela.

O diálogo de Marx com a literatura deixada por ambos pensadores foi tal modo intenso, que o peso jogado sobre suas elaborações é inconteste. A influência exercida pelos Clássicos da Economia Política inglesa na constituição de seu complexo teórico é tamanha, que seria improvável imaginar que Marx colocaria os problemas e questões da maneira como abordou sem se debruçar e problematizar sobre Smith e Ricardo. Para esses, bem como para outros autores da Economia Política clássica, algumas categorias e instituições econômicas seriam ahistóricas. A superação crítica que as formulações marxianas deram a essa questão, foi esgarçar o véu de naturalidade que envolvia as construções sociais (categorias e instituições) e torná-las historicamente construídas e, portanto, passíveis de serem destruídas. Isso porque o cerne dos problemas colocados por Marx e retomado pelos marxistas está a crítica ao capitalismo, que desde então poderá ser debelado pela *práxis* humana, orientado uma teoria que a fundamente e sustente.

Foi com arcabouço teórico erguido por Marx donde a Economia Política, que nunca foi uma ciência neutra¹⁰, passou então a vincular-se como formulação teórica a favor de um determinado segmento social. A vinculação pôde ser operada pela teoria do valor-trabalho, nela encontra-se um diferencial possível de colocá-la como fundamento teórico direcionado a perspectiva emancipatória de classe social, isso porque enseja o questionamento de como a riqueza social é produzida e distribuída. O *valor* inerente a toda riqueza material produzida é fruto do *trabalho*, desse modo com Marx, essa concepção tornou-se desfavorável a burguesia por possibilitar nela extrair fundamentos para o socialismo. Ela serviu para desvelar o caráter explorador que a burguesia exercia sobre o *trabalho*.

Dentre as leis que opera nas entranhas da sociedade capitalista e que a coloca em movimento, a *lei do valor* tão bem instrumentalizada pelo marxismo, expõe “[...] o quantum

¹⁰ Existe correntemente um debate em vislumbrar certa neutralidade inerente à ciência, o que é bastante polêmico e questionável. A ciência como forma de pensamento humano vincula-se de algum modo a interesses e a práticas sociais determinadas, por isso é duvidoso formulações neutras, assépticas ou desinteressadas. Ver Neto (2006).

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 10 – 2012
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

de trabalho socialmente necessário ou o tempo de trabalho socialmente necessário para produção de um valor de uso o que determina a grandeza do seu valor” (Marx, 1983, p. 48).

Através da problematização da *lei do valor*, que desdobra revela o processo de *mais-valia*¹¹, é possível então chegar à compreensão da exploração que vivencia os proletários sob o capitalismo e dar razões fundamentais a partir de uma teoria à luta de classe empreendida pelo segmento representativo do trabalho, no almejo a alçar a emancipação, não só política, mas também existenciais, portanto humana.

O movimento proletário é o movimento autônomo da imensa maioria no interesse da imensa maioria. O proletariado, a camada inferior da sociedade atual, não pode levantar-se, não pode erguer-se sem fazer saltar toda a superestrutura de camadas que formam a sociedade oficial (Marx; Engels, 1998, p. 18).

Daí o porquê de ser o proletário aquele a carregar em seu projeto societário valores universais, a emancipação humana, enquanto projeto e valor, se impõe transversalmente a toda humanidade e torna-se com isso um projeto não específico a uma determinada classe, mas um projeto humanitário.

A consideração de que de “[...] todas as classes que hoje se impõe a burguesia somente o proletariado é uma classe realmente revolucionária¹²” (Marx; Engels, 1998, p. 14), só será factível na perspectiva de que esse salte de *classe em si* a *classe para si*, salto permitido pelo quadro teórico desenhado por Marx em seus pressupostos, que extrai conseqüências revolucionárias na tomada de consciência do proletariado que é a classe detentora do *trabalho*, condição fundante para formação e existência da sociedade.

¹¹ Em breves palavras “*mais-valia*” é o processo desnudado a partir da *lei do valor-trabalho* (ou simplesmente *lei do valor*) que possibilita o capitalista explorar o operário através do trabalho não pago. Como o *valor* de uma riqueza material produzida é determinado pelo tempo médio de trabalho socialmente necessário para produzi-la, poderíamos sintetizar a *mais-valia* da seguinte forma: um operário que trabalha 08 horas seguidas numa indústria X de produção de mercadoria, produz para seu patrão cerca de 5000 unidades de mercadoria, porém, em 02 horas de atividade ele conseguiu produzir uma quantidade de mercadoria que contém o valor necessário para que seu patrão consiga pagar às 08 horas diárias em que ele lhe presta serviço (trabalho), assim, aquelas 06 horas a mais em que trabalha o operário é produzido valores para a apropriação e enriquecimento de seu patrão. Isso significa 06 horas de trabalho não pago, portanto de exploração. Para uma análise mais precisa do processo de *mais-valia*, consultar Marx (1983).

¹² O questionamento corrente sobre a atualidade da perspectiva revolucionária que supostamente ainda repousaria na classe operaria, então colocada por correntes que defendem o fim da centralidade do trabalho na reprodução da sociedade, foi respondido por Antunes (2007).

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 10 – 2012
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há menos de uma década para se completar o bicentenário do nascimento de Karl Marx, pensador que revolucionou o pensamento filosófico, econômico e político do século XIX, cujo espectro de sua teoria fez-se pairar sobre o mundo Ocidental, por meio de sua própria literatura ou por aqueles que montaram sobre suas costas, endossando a luta de classe, ainda é muito discutida as questões por ele suscitadas.

Para os marxistas as formulações deixadas pelo expoente magno da corrente ainda permanecem incólumes e podem ser consideradas bastante pertinentes para alcançarmos as entranhas da realidade contemporânea da sociedade capitalista, mas há quem considere que a teoria marxista já não consiga mais dissecar a realidade de nossos tempos e, portanto, não sirva mais como lente de alcance da complexidade social do século XXI.

Não obstante, não incorremos aqui em nenhum momento num exorcismo ingênuo aos fundamentos do marxismo, ou tentamos religiosamente provar a veracidade das análises tais quais foram formuladas por Marx, mesmo que sejamos impelidos a compreender a vitalidade que repousam seus fundamentos nos dias atuais, quando (*re*)significados, (*re*)problematizadas e colocados na ordem do dia, tendo em vista como afirma Hobsbawm (2008), “que se compreenda que seus escritos não devem ser tratados como programas políticos, mas sim como um caminho para entender a natureza do desenvolvimento capitalista”.

Antes de atingir aquilo que essencial no desenvolvimento do capitalismo, Marx passou por alguns pressupostos, que de maneira ligeira, revelamos aqui a centralidade que assume o *trabalho* entre eles, que colocado dessa maneira, configura-se como cimento de amarra para teoria de marxista.

REFERÊNCIAS

ARON, R. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 10 – 2012
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

MALAGODI, E. Notas Epistemológicas e Metodológicas sobre a teoria dialética. In: *Tese* para concurso para professor titular. Campina Grande, 1993.

MARX, K. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

MARX, K. & ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

_____. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

NETO, J. P. Prólogo: elementos para uma leitura crítica do Manifesto Comunista. In: *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

NETO, J. P. & BRAZ, M. *Economia política: uma introdução crítica*. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho*. São Paulo: Editora Cortez, 2007.